

III Jornada Brasileira de Educação e Linguagem  
XII Jornada de Educação de Mato Grosso do Sul  
III Encontro dos Mestrados Profissionais em Educação e Letras

Tema: **IMPACTO DAS REFORMAS EDUCACIONAIS  
NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

**UEMS, Campo Grande, Brasil - 06 a 08 de junho de 2018**



## **A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO**

**CLAUDECI DE PAULA DE ALMEIDA  
UEMS-UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL**

**VITÓRYA PAULA DE ALMEIDA  
UCDB-UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO**

A presente pesquisa tem como objetivo analisar a importância da literatura infantil no contexto da alfabetização. Deste modo, o tema abordado diz respeito à prática dos educadores no processo de leitura e escrita no mundo da literatura infantil visando o desenvolvimento de habilidades, atitudes e valores nos educandos. Para isso, os educadores precisam partir do contato do educando com sua realidade, pois, sabe-se que o desenvolvimento infantil é um processo que depende dos conhecimentos já adquiridos, de experiências anteriores, do ambiente em que vivem e de suas relações no contexto social, para construir avanços significativos no processo de ensino e aprendizagem. Todos esses fatores são profundamente interligados e deles dependem o ritmo e a forma como acontece o desenvolvimento integral do aluno. O professor atua como mediador e interventor no processo de construção de conhecimento, proporcionando-lhes a formulação e (re) formulação de hipóteses tão necessárias para que os alunos se desenvolvam. A pesquisa bibliográfica fundamenta-se em Abramovich (1997), Chameux (2000), Soares (1999) e Coelho (2000), os quais foram de grande auxílio para o posicionamento a respeito da importância da literatura infantil.

**PALVRAS-CHAVE:** Literatura infantil; leitura; escrita; processo de ensino e aprendizagem.

### **INTRODUÇÃO**

Cada criança, se desenvolve no seu tempo biológico, dentro de seu próprio ritmo e motivação, por isso, é preciso que o professor seja capaz, de trabalhar com os diferentes tipos de leitura, de modo a despertar nos alunos o interesse e o prazer em ouvir e ler diariamente.

Visando assim, compreender a importância denotada pelos educadores e teóricos a respeito da “importância da literatura Infantil no contexto da Alfabetização”

realizou-se uma pesquisa bibliográfica, para explanação de contextos que venham contribuir com a alfabetização, por meio da literatura infantil.

A leitura é uma relação de diálogo que se estabelece entre o leitor e o texto, mas, efetivamente, a produção de sentido não constitui livre interpretação, sendo qualquer afirmação aceitável. Daí, a importância da prática pedagógica ser eficiente para produzir, progressivamente, um leitor capaz de perceber a riqueza de possibilidades e os limites de apreciação do texto. A sistematização da leitura, na escola, tem o objetivo de possibilitar a interação da criança com os mais diversos textos em situações significativas e diferenciadas secundando estas considerando que o interesse do aluno em leituras e em aulas \_ como frequentemente se observa \_ tem sido precário; e, sabendo-se que os dados do SAEB revelam índice insatisfatório de leitura, que podem estar inseridos no modo como a leitura literária está sendo trabalhada na escola. A leitura como procedimento básico, indispensável à aprendizagem, se encontra presente em todas as disciplinas e níveis de escolaridade. Portanto, tem-se como objetivo investigar qual é a finalidade da leitura literária nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

No final desta pesquisa será possível ter um ideia da importância da literatura infantil como instrumento de conscientização do aluno, desenvolvendo o raciocínio lógico, permitindo a livre manifestação oral e escrita, estimulando a escrita espontânea, levando o aluno a pensar e a desenvolver o raciocínio, o questionamento, a curiosidade e a autocrítica e a estabelecer relações.

## **LITERATURA E A ESCOLA**

A literatura infantil precisa ser considerada uma arte literária ou pedagógica, pois passa pela concepção de infância e pela ligação da literatura infantil com a escola. Se observarmos a origem dos chamados "clássicos" da literatura infantil, os Contos de Fada, surgiram de histórias da tradição oral. Os maiores clássicos da literatura grega, *A Odisséia* e *A Ilíada*, também têm a mesma origem nessa tradição oral. São histórias contadas e recontadas oralmente que fazem parte da cultura e que são depois registradas na forma escrita. Os irmãos Grimm pesquisaram e recolheram contos por meio de viagens a diversas regiões da Alemanha e tiveram o cuidado em não deturpar essa

tradição oral. A passagem da oralidade para o escrito exige, sem dúvida, sensibilidade e domínio da língua que são características dos grandes escritores.

O conto é a forma mais antiga, popular e tradicional de escrita. Devido à variedade de conto, os quais se classificam em modernos e tradicionais. Os tidos como tradicionais incluem, os contos populares e os contos de fada. De modo geral, eles têm diversas características comuns. Segundo Cascudo (2000), as principais características dos contos populares são:

**Antiguidade** - antigos gêneros literários e velhos na memória do povo; não se sabe quando e como começou. Garantem detalhes de ambiente, armas, frases, hábitos desaparecidos. Raramente mencionam armas de fogo. Mas sempre falam de carruagem, espada, transporte a cavalo, reclusão feminina, autoridade, absolutismo real. **Anonimato** – ausência de autor, isto é, anônimo em sua autoridade; não se sabe quem começou. **Divulgação** – divulgado em seu conhecimento, os contos foram criados a partir da linguagem oral, transmitido de gerações para gerações, de países para países. **Persistência** – persistente nos repertórios orais, sofrendo modificações ao longo do tempo. Ex: Batatinha quando nasce, espalha ramos pelo chão [...] Batatinha quando nasce se esparrama pelo chão [...] (CASCUDO, 2000, p.21).

Os contos de fada apresentam uma mesma estrutura narrativa dos chamados contos maravilhosos (que são considerados literários). O russo Wladimir Propp estudou a morfologia do conto e apresentou cinco características presentes nos contos maravilhosos e também nos contos de fada: aspiração, viagem, obstáculos, uma mediação e a conquista do objetivo.

É bom lembrar também que grandes obras literárias como *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, e *Aventuras de Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, não foram escritas para crianças, possuem todas as características de outras obras literárias e são adotadas atualmente como literatura infanto-juvenil.

A literatura infantil, além disso, apresenta os fatores estruturais que aparecem em qualquer obra literária: um narrador, um foco narrativo, a história, os personagens, o espaço físico e temporal, uma linguagem usada literariamente e um destinatário da sua comunicação: o leitor.

Os primeiros livros infantis foram escritos por pedagogos e professores com o objetivo de estabelecer padrões comportamentais exigidos pela sociedade burguesa que se estabelecia. A relação entre literatura e a escola é forte desde o início da história

educacional até hoje, pois a escola tem se utilizado das diferentes obras existentes para auxiliar os educandos de modo que estes se apropriem dos mais diferentes conceitos. Diversos estudiosos defendem o uso do livro em sala de aula, mas atualmente o objetivo não é de transmitir os valores da sociedade e sim propiciar uma nova visão da realidade. Segundo Coelho (2000):

A literatura infantil torna-se, deste modo, imprescindível. Os professores dos primeiros anos da escola fundamental devem trabalhar diariamente com a literatura, pois está se constituindo em material indispensável, que aflora a criatividade infantil e desperta a veia artística da criança. Nessa faixa etária, o livro de literatura deve ser oferecido às crianças, através de uma espécie de caleidoscópio de sentimentos e emoções que favoreçam a proliferação do gosto pela literatura, enquanto forma de lazer e diversão (COELHO, 2000, p. 14).

Assim, podemos ver o sentido pedagógico atribuído à literatura infantil, o de estimular o exercício da mente e despertar a criatividade, tornando o livro um objeto para que a criança reflita sua própria condição pessoal e a sociedade em que vive.

O conceito de Literatura Infantil é bastante discutido entre estudiosos do assunto. Há aqueles que defendem que é um objeto escolhido pelo seu próprio leitor, outro que é o objeto de formação de um agente transformador da sociedade e há até aqueles que questionam o fato de existir uma literatura infantil ou dela ser uma questão de estilo.

De acordo com Coelho (2000), dialoga com a ideia de que a Literatura Infantil tem a tarefa de formação, ou seja, é um agente de formação ao assegurar que:

A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola (COELHO, 2000, p. 62).

Nesta, perspectiva, é importante ressaltar que a escola, precisa incentivar o trabalho com a literatura infantil desde, a Educação Infantil, promovendo atividades que envolvam uma diversidade textual, de modo que os educandos possam desenvolver habilidades cognitivas sobre o gênero textual, com compreensão para fazer uso destes conhecimentos em seu dia-a-dia na sociedade.

A escola tem que desenvolver atividades levando em consideração que a literatura infantil é um bem comum da humanidade e para tanto, precisa garantir esta oferta de metodologia no contexto educacional. Segundo Zilberman (1998):

A literatura infantil, nesta medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura – a de conhecimento do mundo e do ser [...], o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além – propicia os elementos para a emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do saber. Integrando-se a este projeto liberador, a escola rompe suas limitações, inerentes à situação com a qual se comprometeu na sua gênese. É esta possibilidade de superação de um estreitamento de origem o que a literatura infantil oferece à educação (ZILBERMAN, 1998, p. 25-26).

Assim, a literatura infantil exerce lugar prioritário no espaço da vasta Literatura Brasileira, atualizando-se por meio de (re) contos dos clássicos literários, sem que eles percam seu caráter estético e artístico nas suas exclusividades, desmistificando o preconceito de uma literatura menor.

Considerando que o processo de construção de conhecimento não é linear, apresentando avanços e retrocessos, acredita-se que o ensino desempenhe um papel de ajuda pedagógica à criança. Esta ajuda deverá ajustar-se constantemente às necessidades de aprendizagem. Estas aprendizagens devem estar baseadas não apenas nas ofertas e propostas dos adultos mas, essencialmente, na escuta das crianças e na compreensão que desempenha o erro na construção do conhecimento.

Por isso, aposta-se no trabalho com contos e recontos, para subsidiar a leitura e a escrita dos nossos alunos. As capacidades específicas de pensar, assim como de relacionar-se e expressar-se nas diferentes linguagens emocionais e simbólicas podem, através do ensino, ser cultivadas e desenvolvidas em cada criança, sem discriminação de espécie alguma, através de ações intencionais que tenham por fim desenvolver e favorecer a formação do pensamento.

O papel da escola, pois define uma direção para as aprendizagens e selecionam conceitos, próximas às práticas reais que demandam solução e impulsionam o desenvolvimento e envolvimento do educando com a literatura.

Dessa forma é preciso que a escola oportunize condições trabalho com a literatura e por seu caráter lúdico, se ramifica por todos os caminhos da atividade humana e, mesmo situando-se em espaço próprio valoriza a aventura, o cotidiano, a

família, a escola, as brincadeiras, o esporte, as diferenças raciais e culturais e, até mesmo no campo da política com suas complicações.

Sendo assim, esse tipo de leitura pode ser usado tanto como fonte de prazer e alegria, quanto de conhecimento e, ainda, como pretexto para consolidar habilidades de ler e escrever vislumbrando um entendimento social da leitura e da escrita.

Cabe a escola então garantir aos educandos a vivência com o mundo literário, pois esta é uma prática importante para despertar a imaginação, como também para estimulá-las a refletir sobre temas delicados do convívio humano.

A leitura é uma relação de diálogo que se estabelece entre o leitor e o texto, mas efetivamente, a produção de sentido não constitui livre interpretação, sendo qualquer afirmação aceitável. Daí a importância da prática pedagógica como fomentadora do hábito da leitura. A sistematização da leitura na escola tem o objetivo de possibilitar a interação da criança com os mais diversos textos em situações significativas e diferenciadas, secundando estas interações com as reflexões necessárias sobre a assumir uma postura crítica e acima de tudo prazerosa.

Assim, compreende-se que ler é uma prática de natureza social, e por isso, tem que ser desenvolvida num processo de interação verbal entre a escola e o texto literário.

Portanto, o trabalho ao ser desenvolvido nesta sistemática faz com que as crianças construam um repertório de histórias além é claro de compreender a funcionalidade da leitura e da escrita.

## **A CRIANÇA COMO LEITORA**

Para pensar a literatura infantil é necessário pensar no seu leitor: a criança. Até o Século XVII as crianças conviviam igualmente com os adultos, não havia um mundo infantil, diferente e separado, ou uma visão especial da infância. Não se escrevia, portanto, para as crianças, com bem expõe Zilberman (1985):

[...] a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só acontece em meio à Idade Moderna. Esta mudança se deveu a outro acontecimento da época: a emergência de uma nova noção de família, centrada não mais em amplas relações de parentesco, mas num núcleo unicelular, preocupado em manter sua privacidade (impedindo a intervenção dos

parentes em seus negócios internos) e estimular o afeto entre seus membros (ZILBERMAN, 1985, p. 13).

A partir da Idade Moderna a criança é vista como um indivíduo que precisa de atenção especial. O adulto passa a idealizar a infância. A criança é o indivíduo inocente e dependente do adulto devido à sua falta de experiência da realidade. Até hoje, muitos ainda têm essa concepção da infância como o espaço da alegria, da inocência e da falta de domínio da realidade. Os livros que trazem essa concepção são escritos, então, com o objetivo de educar e de ajudar as crianças a enfrentar a realidade.

A partir da Psicologia da Aprendizagem a infância é tratada como uma etapa de preparação do pensamento para a vida adulta. O pensamento infantil não tem ainda lógica racional. A literatura infantil nesta concepção, adequada às fases do raciocínio infantil (que é dividido em idade cronológica).

Essas duas concepções de infância convivem até hoje e podemos vê-las até no modo como os livros são selecionados e catalogados pelas editoras. No entanto, uma outra concepção de infância tem sido defendida e com ela uma nova postura da literatura infantil. É preciso entender que a criança é também cheia de conflitos, medos, dúvidas e contradições, não por desconhecer a realidade, mas por trazer em si a imagem projetada do adulto.

A leitura de um texto literário não é mera decodificação de sinais gráficos, mas a busca de significações pelo processo de produção e conhecimento do texto e principalmente pela própria leitura. Por essa razão, o precisa ter clareza sobre a função dos textos com os quais trabalha com os alunos e verificar, inclusive, em que contexto eles podem ou não ser alvo de interpretação crítica. Assim, desde as séries iniciais os alunos precisam ser inquiridos a exporem seu ponto de vista e para Zilberman (1998):

A obra de arte literária não se reduz a um determinado conteúdo reificado, mas depende da assimilação individual da realidade que recria. Sem ser compreendida na sua totalidade, ela não é autenticamente lida [...] (ZILBERMAN, 1998, p. 24).

É a aquisição do gosto pela leitura que contribui para o desenvolvimento da criança, dando sustentabilidade para futuras leituras que ocorrerão na adolescência, na juventude e na vida adulta.



Ensinar a leitura, portanto, é colocar em funcionamento um comportamento ativo, vigilante, de construção inteligente de significação, motivado por um projeto consciente e deliberado e isto desde o próprio início da escolaridade das crianças, e mesmo antes que elas cheguem à escola (CHARMEUX, 2000, p.88).

Uma literatura que tenha essa concepção de infância com certeza irá contribuir para o desenvolvimento do aluno. No princípio da vida, a criança vê o livro como um brinquedo. A criança ama decifrar os seus mistérios, há algo de mágico e encantador, seus desenhos e suas palavras despertam o interesse, da criança. Contudo, a atitude desencantadora do adulto, a falta de sensibilidade, o desinteresse por esse processo natural de leitura que a criança faz por meio do lúdico, “brincando de aprender a ler” é que vai aos poucos minando a ligação entre a criança e o livro, de acordo com Charmeux (2000):

Podemos, portanto, dizer que a primeira forma de ajuda à aprendizagem da leitura é um determinado tipo de “presença” do escrito em casa e na vida cotidiana. Entendemos-nos bem: não se trata absolutamente de livros comprados pelos pais, que sabemos não estarem nem de longe ao alcance de todos os bolsos. Só se trata aqui dos escritos utilizados, sejam eles comprados ou não, e sejam eles utilizados para o prazer ou para a ação. O fator essencial é a utilização, o caráter vivo d coisa escrita. Frequentemente é preferível para a criança que ela tenha poucos livros em casa, efetivamente lidos pelos pais, e sobre os quais eles falem bastante, do que muitos, nos quais ninguém toca (CHARMEUX, 2000, p. 115).

Deste modo, acredita-se que toda leitura é fundamental para o progresso do educando, porém o trabalho com contos pode ser utilizado pela escola como maneira propícia para cativar os educandos e incentivá-los a outras leituras.

É essa leitura que possibilita a criança o aprendizado da realidade, pois os contos falam da vida a ser vivida e de todos os sentimentos próprios do homem, das dificuldades da vida que, às vezes, têm soluções satisfatórias, mesmo que temporárias.

Assim, os contos ajudam a criança a lidar com seus dilemas humanos universais, oferecendo soluções para esses conflitos e transmitindo a mensagem de que a luta contra as dificuldades é inevitável, mas a vitória pode ser possível.

Além disso, a presença do bem e do mal permite que a criança perceba que isso existe na vida real, bem como a rivalidade, o belo e o feio, as alegrias e as tristezas, o amor e o ódio, a vida e a morte, o envelhecimento, as doenças, a rejeição e o



abandono, e outros. E todas essas situações preparam a criança para enfrentar os medos da vida.

Na escola, o texto escrito pode funcionar como instrumento para uma educação libertadora ou conservadora. Pode propiciar a abertura dos horizontes do leitor iniciante, assim como, pode servir para alienação da criança, por meio da imposição de normas morais, sociais e linguísticas.

Porém, é na literatura emancipadora que encontramos um dos objetivos mais importantes da leitura “ler por prazer”, contrariando o caráter ético-didático, utilizado para moldar a criança. Carvalho (2005), diz que:

A criança é criativa e precisa de matéria-prima sadia e com beleza, para organizar seu "mundo mágico", seu universo possível, onde ela é dona absoluta: constrói e destrói. Constrói e cria, realizando-se e realizando tudo o que ela deseja. A imaginação bem motivada é uma fonte de libertação, com riqueza. É uma forma de conquista de liberdade, que produzirá bons frutos [...] (CARVALHO, 2005, p.20 - 21).

Deste modo, é fundamental que o trabalho com a literatura infantil seja, trabalhada em todas as séries e com textos diversificados, pois de acordo com os autores aqui citados isso contribui para o crescimento pessoal de cada educando.

Assim, é preciso que o professor considere a prática de leitura literária, parte essencial de sua aula. Para que isso se concretize terá que incluir em seu planejamento momentos diversificados de leitura, de modo que os alunos cada vez mais, tenham prazer em ler.

## **A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA**

A literatura infantil sempre foi tida como uma forma menor da literatura atrelada à função utilitário-pedagógica o que a faz ser mais pedagógica do que literária. Magda Soares (1999), considera o processo de escolarização como inevitável, mas defende a possibilidade de descoberta de uma escolarização adequada da literatura que obedecesse, no momento da leitura:

[...] a critérios que preservem o literário, que propiciem ao leitor a vivência do literário, e não uma distorção ou uma caricatura dele. Mas ainda, que conduzisse eficazmente às práticas de leitura literária que

ocorrem no contexto social e às atitudes e valores próprios do ideal de leitor que se quer formar (SOARES, 1999, p. 42, 47).

Na verdade, importante seria, na leitura literária, a tentativa de não se negligenciar o pacto ficcional que o jogo da linguagem e do imaginário estabelece com os leitores e que somente estes serão capazes de instaurar, ou de ignorar, no seu comportamento participativo. Da mesma forma, importante seria não tratar como informativo ou instrucional, cobrando respostas objetivas e fechadas, textos essencialmente subjetivos e abertos como os literários.

Portanto, é de grande importância considerar o que afirma Zilberman, sobre a atuação da escola.

[...] acentua a divisão entre o indivíduo e a sociedade, ao retirar o aluno da família e da coletividade, encerrando-o numa sala de aula em que tudo contraria a experiência que até então tivera. Ao invés de uma hierarquia social, vive uma comunidade em que todos são iguais na impotência: perante a autoridade do mestre e, mais adiante, da própria instituição educacional, todos estão despojados de qualquer poder. [...] As relações da escola com a vida são, portanto, de contrariedade: ela nega o social, para introduzir, em seu lugar, o normativo (ZILBERMAN, 1998, p. 18, 19).

O autor quer assim, chamar a atenção para o cuidado que tem que haver na escola ao se trabalhar com a diversidade textual, pois os educandos não podem ter acesso à apenas um tipo de texto mas sim conhecer trabalhar com temas que façam parte do nosso momento histórico. O professor precisa tomar cuidado para não limitar as possibilidades de experimentação do leitor. É necessário deixar que os alunos formulem o máximo possível de hipóteses a respeito do que leem.

Para Zilberman (1998, p. 21) “enquanto instituições, a escola e a literatura podem provar sua utilidade quando se tornarem o espaço para a criança refletir sobre sua condição pessoal”. E para garantir a utilização significativa do texto literário é preciso que haja várias alternativas diferenciadas para explorar o texto, como: montar um conjunto de perguntas que exigem a reunião de várias informações para serem respondidas, explorar na oralidade, o tipo de texto, saber sobre qual assunto e saber do que se trata a leitura.

Essa postura nos levaria a perceber que não há livros bons ou ruins para todos, pois nem todos compartilham dos mesmos critérios de avaliação. Podemos começar a pensar que as leituras são diferentes e não piores ou melhores.

Assim, Abreu reafirma o seu propósito de circulação dos variados tipos de leitura para os variados tipos de leitores: não se está propondo, como se vê, que se abandone o estudo do texto literário canônico, e sim que a escola [...] garanta espaço para a diversidade de textos e de leituras; que garanta espaço para o outro (Abreu, ib. id.).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Assim, a literatura compreende textos, de um modo geral, mais polissêmicos e polifônicos do que os textos de outras áreas de conhecimento. Polissêmicos porque são passíveis de muitas leituras, dependendo da história de vida do leitor, de seus interesses, apreensões e assim por diante. Polifônicos porque na voz do autor estão vozes de outras pessoas, de outros autores, da sociedade, da história.

A literatura, então, demanda modos de leitura que levam o leitor a aprofundar suas competências. Ao buscar ler nas entrelinhas, atribuem novos sentidos para os textos, conhecendo forma mais livre de ação na realidade, conhecer novos sistemas de referência do mundo, o leitor pode-se perceber como sujeito capaz de transformar a realidade, participando dela de forma mais íntegra, mais crítica, podendo analisar questões implicadas na leitura literária, bem como na leitura de outros gêneros textuais.

Os textos da tradição (fábulas, contos de fadas, contos maravilhosos, relatos, causos, enfim, contos populares, em geral) sempre estiveram presentes no imaginário social, servindo de ponte entre a oralidade e a escrita. O caráter ético, estético e simbólico desses contos tradicionais e folclóricos pode contribuir para o trabalho pedagógico que envolva atividades orais, de leitura e de escrita.

Assim, cabe ao professor organizar a maneira mais prazerosa para continuar oportunizando aos seus educandos o contato com o mundo da literatura infantil e para garantir que esta ação educativa não se perca, e continue se efetivando tornando-se sim um hábito que permite a ampliação dos conhecimentos de forma que o aluno consiga fazer uso dos textos lidos em seu contexto social, faz-se necessário que os professores que já utilizam desta estratégia, passem adiante aos colegas de profissão que ainda não fazem uso desta metodologia, garantindo assim o avanço dos alunos de maneira significativa.

Portanto, compreendemos a importância da literatura infantil, no desenvolvimento do educando, pois oferece maneiras diferenciadas do aluno interpretar o mundo, estimulando a reflexão e a contínua construção do conhecimento.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: Gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.
- ABREU, Márcia. 2000. **As variadas formas de ler**. In: PAIVA, Aparecida et al. *No fim do século: a diversidade: O jogo do livro infantil e juvenil*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 121-34.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. 15.ed. Rio de Janeiro: Editora Ouro, 2000.
- COELHO, Betty. **“Contar Histórias uma arte sem idade”**. São Paulo, 2000.
- CHARTIER, Roger. 2000. **Educação e história rompendo fronteiras**. Presença Pedagógica. v. 06 n. 31, jan./fev., p. 5-15.
- CHARMEUX, Eveline. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**. 5 ed. \_ São Paulo: Cortez, 2000.
- LAJOLO, Marisa. **Natureza interdisciplinar da leitura e suas implicações na metodologia do ensino**. In: ABREU, Márcia (org.). *Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º COLE*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995, p. 113-28.
- LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: Procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicação e trabalhos científicos**. 4. ed. –São Paulo: Atlas, 1999.
- MEC/FNDE/PNLD 2002. **Guia de livros didáticos: 5ª a 8ª séries**. 2001.
- PAULINO, Graça. 1999. **Letramento Literário: cânones estéticos e cânones escolares**. Caxambu-MG: ANPED. Texto encomendado: GT 10 - Alfabetização Leitura e Escrita. Texto eletrônico, 17 p.
- REGO, Lucia Luis Browne – **Uma nova perspectiva da Alfabetização na pré-escola**. MEC – Fae, 1990.

RUDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica.**- Petrópolis, Rio de Janeiro; Editora Vozes, 1986.

SOARES, Magda Becker. **A escolarização da Literatura Infantil e Juvenil.** In: EVANGELISTA, Aracy, BRINA, Heliana, MACHADO, Maria Zélia (orgs.). *A escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil.* Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p 17-48.

\_\_\_\_\_, Magda. **Linguagem e Escola.** Uma perspectiva social. 17 ed. São Paulo. Editora Ática, 2001.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura.** São Paulo: Contexto, 1985.

\_\_\_\_\_**A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 1998.